

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE



Geovana da Silva Szervinsk

INFÂNCIAS DURANTE A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA:
PARTICIPAÇÃO, MEMÓRIA E CULTURA

BRASÍLIA - DF
2025

Geovana da Silva Szervinsk

**INFÂNCIAS DURANTE A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA:
PARTICIPAÇÃO, MEMÓRIA E CULTURA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Dr^a. Renata Silva Almendra.

**BRASÍLIA - DF
2025**

**Infâncias durante a construção de Brasília:
participação, memória e cultura**

Geovana da Silva Szervinsk

Trabalho Final de Curso apresentado à comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Renata Silva Almendra.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Renata Silva Almendra

Profa. Dra. Monique Aparecida Voltarelli

Profa. Dra. Ana Raquel Costa Dias

BRASÍLIA - DF

CIP - Catalogação na Publicação

Si	<p>Szervinsk, Geovana. INFÂNCIAS DURANTE A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA: PARTICIPAÇÃO, MEMÓRIA E CULTURA / Geovana Szervinsk;</p> <p>Orientador: Renata Almendra. Brasília, 2025. 50 f.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Pedagogia) Universidade de Brasília, 2025.</p> <p>1. Infâncias. 2. Brasília. 3. memória. 4. desigualdades. 5. agência infantil. I. Almendra, Renata, orient. II. Título.</p>
----	---

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Bete e Vinícios, que me proporcionaram toda a educação necessária para chegar até aqui, e que me criaram cercada de livros, músicas e movimentos culturais. Foi nesse ambiente que aprendi que estudar é um ato de amor, e é graças a ele que este trabalho existe.

Minha mãe, psicopedagoga brilhante, me ensinou desde cedo que os livros eram meus melhores amigos e que a educação nos leva a lugares inimagináveis, e me inspirou a olhar para a infância com um carinho especial. Meu pai, sempre com o colo e as histórias disponíveis, cresceu ouvindo que seu bisavô passava por Brasília quando aqui “não havia nada”, e brincou no foguete do Parque da Cidade antes que ele se tornasse símbolo afetivo da capital. Foram essas memórias que me despertaram a curiosidade de entender como era essa Brasília de antes, porque é fascinante pensar que antes da cidade começar a ser construída, já era um território vivo, atravessado por pessoas e vivências.

Minha família, avós, tios, tias e primos, também merecem toda minha gratidão. Cresci cercada por uma imensa bolha de amor, e foi ela que me deu a segurança de acreditar que eu podia ser exatamente quem eu quisesse ser. Esse sentimento de pertencimento e segurança foi fundamental quando precisei transformar ideias em texto.

Aos meus professores, registro meu profundo reconhecimento. Foram fundamentais na minha formação, mas deixo aqui um agradecimento especial a duas mulheres. À professora doutora Monique Voltarelli, que me apresentou ao universo dos Estudos Sociais da Infância, que me ensinou com paciência a pesquisar e, principalmente, que me fez acreditar que temas difíceis, pouco estudados e frequentemente silenciados precisam, sim, ser escritos. E à professora doutora Renata Almendra, que topou essa aventura comigo: escrever um TCC em seis meses. Surpreendentemente, foi leve e bonito, e acredito que isso se deve, sem dúvida, à orientação cuidadosa, carinhosa e curiosa da Renata.

Aos entrevistados, Carlos e Cacilda Loyola, agradeço pela confiança e pelo carinho ao abrirem suas memórias. Suas lembranças narradas com afeto transformaram este trabalho em algo vivo.

A todos os citados, deixo meu mais sincero obrigada. Eu me considero imensamente sortuda por dividir a vida com vocês. São vocês que me fazem acreditar que a vida é extraordinária, e que vale a pena vivê-la, entendê-la e, conseqüentemente, pesquisá-la.

Meu mais profundo e sincero, muito obrigada!

Infâncias durante a construção de Brasília:

participação, memória e cultura

RESUMO

Partindo dos conceitos dos Estudos Sociais da Infância, este trabalho analisa como as diferentes infâncias foram vivenciadas durante a construção de Brasília, entendendo-as como categoria social atravessada por desigualdades de classe, gênero e território. A partir da análise de fotografias históricas e relatos orais de duas pessoas que chegaram à capital ainda crianças, o estudo identifica formas de participação e agência infantil, bem como estratégias de produção cultural e ressignificação de espaços. Os resultados evidenciam que não existiu uma infância única, mas sim infâncias múltiplas. Foi possível entender que as crianças foram agentes ativos na formação simbólica da cidade, ainda que sigam invisibilizadas pelas narrativas oficiais, apontando a necessidade de ampliar pesquisas que articulem as infâncias e a história urbana e cultural de Brasília.

PALAVRAS-CHAVE: Infâncias; Brasília; memória; desigualdades; agência infantil.

Childhood Experiences during the Construction of Brasília: Participation, Memory, and Culture

ABSTRACT

Through the theoretical framework of the Social Studies of Childhood, this work analyzes how different childhoods were experienced during the construction of Brasília, understanding them as a social category shaped by inequalities of class, gender, and territory. Based on the analysis of historical photographs and oral accounts from two persons who arrived in the capital as children, the study identifies forms of child participation and agency, as well as strategies of cultural production and spatial re-signification. The results demonstrate that childhood was not a single, universal experience, but rather multiple childhoods. It was possible to understand that children were active agents in the symbolic formation of the city, even though they remain largely invisible in official narratives. These findings highlight the need for further research that articulates childhood studies with Brasília's urban and cultural history.

Key words: Childhoods; Brasília; memory; inequalities; child agency.

SUMÁRIO

	8
Introdução	10
Capítulo 1 - A construção de Brasília	13
Capítulo 2- As infâncias durante a construção de Brasília: entre invisibilizações e produções culturais	18
2.1 Crianças em cena: memórias visuais da infância na nova capital	23
Capítulo 3. Infâncias nas entrequadras da memória: vozes da construção de Brasília	35
Considerações finais	44
Referências	49

MEMORIAL

Quando pensamos nos grandes feitos históricos, raramente nos lembramos das crianças que os testemunharam, muito menos reconhecemos sua importância para esses momentos. No entanto, elas estavam lá: correndo, observando, sentindo, brincando e, de alguma forma, participando.

O interesse pela história foi presença constante durante minha trajetória. Filha de uma professora e de um agente de viagens, cresci cercada por culturas, narrativas e memórias de diferentes lugares, que pavimentaram a minha formação como pessoa. Para mim, crescer sempre esteve intimamente ligado à pedagogia, à arte e à infância. Ser criança nunca foi algo banal em minha casa: meus pais garantiram que eu tivesse a melhor infância possível e participasse ativamente das decisões e momentos familiares. Talvez por isso, ao ingressar na universidade, não tenha sido surpresa descobrir que as diferentes formas de vivenciar a infância despertavam tanto meu interesse.

Nasci em Luziânia (GO), cidade fundada em 1746, e me mudei para Brasília aos onze anos. Entrei na Universidade de Brasília aos dezessete, em 2018, pelo Programa de Avaliação Seriada, e desde o início me encantei pelos Estudos Sociais da Infância. Em paralelo à Pedagogia, cursei também Psicologia em uma instituição particular. Foi nesse período, em 2019, que iniciei meu primeiro TCC, inicialmente voltado à Infância Indígena.

A pandemia de COVID-19, em março de 2020, trouxe mudanças inesperadas, inclusive para minha pesquisa, que passou a focar na Infância Indígena durante a pandemia. Mas aquele período também abalou as certezas que eu acreditava sólidas aos 19 anos. Decidi, então, trilhar outros caminhos e tranquei ambos os cursos.

Em 2022, já com o cenário pandêmico controlado, tentei retomar à Pedagogia, mas novamente fui interrompida: meu pai sofreu um infarto em 20 de março, e entre internações e cuidados, precisei adiar mais uma vez meus planos acadêmicos. Somente em 2024, mais madura e consciente do meu desejo genuíno de concluir o curso, voltei a caminhar pelos corredores da Faculdade de Educação.

Foi nesse retorno que conheci a professora Renata, por meio da disciplina de Ensino de História, Identidade e Cidadania, e percebi que poderia unir duas grandes paixões: a infância e a história. A partir daí, optei por transformar radicalmente o tema do meu TCC, direcionando-o para a infância durante a construção de Brasília.

As crianças sempre existiram, mas por algum motivo, elas raramente aparecem nos registros históricos. Não perguntamos como vivenciaram aqueles períodos,

tampouco reconhecemos sua participação na construção desses momentos. Essa invisibilidade não me parece um caminho aceitável dentro da pedagogia. Por isso, decidi me aventurar em um tema tão fascinante quanto negligenciado: a presença e a agência das crianças na construção de Brasília.

INTRODUÇÃO

A infância durante a construção de Brasília constitui um interessante campo de pesquisa, oferecendo uma fértil possibilidade de investigações. A construção da nova capital, iniciada em 1956, foi marcada por intensos fluxos migratórios, pelo desenvolvimento de um espaço moderno, utópico e que representasse o desenvolvimentismo defendido por Juscelino Kubitschek e, principalmente, por uma

história contada de forma hegemônica, silenciando e apagando figuras importantes, como as crianças que ali viveram.

As famílias migrantes trouxeram consigo práticas, tradições e memórias de diferentes regiões do país, e foram justamente as crianças que asseguraram a continuidade de tais elementos culturais. As brincadeiras, a linguagem, a música e os cuidados compartilhados se tornaram instrumentos de preservação da identidade coletiva. De acordo com a professora de Geografia, Helena Callai (2007), o pertencimento ao espaço se constrói também a partir de práticas simbólicas; assim, as crianças se constituíram como mediadoras culturais, garantindo a transmissão de tradições em meio à instabilidade do novo território.

Nesse contexto, a infância emerge como categoria social extremamente relevante para entender como um momento histórico tão importante para a história nacional foi vivenciado de diferentes formas, por diferentes sujeitos. Discutir a infância em tal cenário torna-se, portanto, uma oportunidade de lançar luz sobre sujeitos historicamente marginalizados e compreender de que forma suas vivências ajudaram a formar a cidade culturalmente rica, dinâmica e multifacetada que Brasília se tornou.

A escolha desse tema justifica-se pela relevância acadêmica e social de compreender perspectivas pouco exploradas na historiografia da capital federal. Estudar as infâncias durante o período em questão, contribui para a ampliação do debate sobre a formação da cidade, destacando desigualdades sociais, recortes de gênero e as formas de resistência cultural dos migrantes. Trata-se, portanto, de uma pesquisa original, que articula a análise histórica da fundação de Brasília com os estudos sociais da infância, promovendo uma leitura crítica sobre a memória coletiva, seus silenciamentos e a importância fundamental das crianças para a construção da identidade cultural de um local.

O objetivo geral da pesquisa é discutir como as diferentes infâncias foram vivenciadas durante a construção de Brasília. Para alcançar esse objetivo, foram definidos três objetivos específicos: (I) analisar como se dava a participação e a agência social das crianças no momento da construção; (II) identificar a importância das crianças na manutenção cultural de suas comunidades em um território ainda em formação; e (III) mapear as diferenças nas experiências infantis a partir de recortes de gênero e classe social.

Partindo desse objetivo, torna-se possível compreender a infância não apenas como etapa da vida, mas como categoria social atravessada por dinâmicas de agência, produção cultural e experiências distintas, conforme apontam o sociólogo e pedagogo português, Sarmiento (2005) e o sociólogo norte-americano, Corsaro (2011). Assim, a pesquisa visa esclarecer algumas perguntas norteadoras, são elas: (I) como as crianças foram importantes não só durante o período da construção, mas também para a formação de uma cidade dinâmica e multifacetada, cheia de diferentes manifestações culturais, que é Brasília? (II) quais foram os papéis desempenhados pelas crianças? (III) as crianças criaram espaços próprios de sociabilidade e brincadeira, reafirmando a infância como dimensão ativa da vida social?

A metodologia adotada baseia-se em pesquisa bibliográfica e documental, com ênfase em obras que discutem a construção de Brasília, a história da infância e os processos de silenciamento na historiografia oficial. **Em um primeiro momento, será realizado um levantamento bibliográfico nos principais acervos digitais, como scielo, com os descritores “infância na construção de Brasília” e “crianças na construção de Brasília”.** Além disso, serão realizadas análises de fotografias de crianças durante a construção da cidade e entrevistas com adultos que vivenciaram a infância durante o período de transferência da capital, buscando **acessar** memórias pessoais e coletivas. Embora o estudo em questão tenha sido realizado à luz dos Estudos Sociais da Infância, Pires (2008) afirma que a possibilidade de adultos, expressando suas opiniões advindas de memórias da época em que eram crianças não é garantia de uma pesquisa de excelência, por isso, as entrevistas serão utilizadas como um suporte que possibilita entender a influência cultural das crianças na formação de Brasília.

A monografia organiza-se em três capítulos. O capítulo 1 apresenta a história da construção de Brasília, destacando os caminhos que levaram até o início da construção, além dos silenciamentos e invisibilizações produzidos pela narrativa hegemônica, com destaque para o apagamento da importância dos candangos.

O capítulo 2 apresenta a análise de fotografias como fontes históricas para refletir sobre como foi a infância durante a construção de Brasília, abordando conceitos básicos sobre a infância. Ademais, busca-se discutir como se dava a participação social e cultural das crianças, bem como sua importância na preservação de tradições

comunitárias e formação da identidade cultural, apontando sua relevância na formação da Brasília contemporânea.

Por fim, o capítulo 3 oferece um mergulho nas entrevistas daqueles que foram crianças durante o período das obras, analisando as diferenças nas infâncias vividas segundo os recortes de classe social e gênero, evidenciando as desigualdades que marcaram esse período.

CAPÍTULO 1

A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA

A construção de Brasília é a representação de um grande sonho, normalmente contado sob uma perspectiva hegemônica, como um sonho apenas das grandes figuras

políticas envolvidas, como Juscelino Kubitschek, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Entretanto, manter a narrativa focada apenas no Plano Piloto e nas figuras “mais famosas” silencia não só sujeitos, mas experiências, territórios e eventos históricos que levaram até o momento canônico da construção.

Brasília não é apenas uma cidade nova, surgida milagrosamente na solidão do altiplano; não é apenas técnica e arte, pioneirismo e arranjo. É antes de tudo a revolução, porventura a mais profunda do nosso tempo: a mudança na rota de um país empenhado em transpor a barreira do subdesenvolvimento e ocupar, entre os povos do mundo, o lugar que lhe cabe pela sua extensão, pelas suas riquezas, pelo valor de seus filhos. (Kubitschek, 1960 apud Ceballos, 2005, p. 61)

A grande verdade é que a ideia da construção de Brasília, definitivamente não surgiu do nada, tampouco foi uma cidade que surgiu milagrosamente em um terreno sombrio e solitário. A ideia da interiorização da capital surgiu ainda no período colonial. Em 1751, Marquês de Pombal contratou um cartógrafo italiano que, após estudar o Planalto Central, escreveu acerca de seu valor estratégico. Em 1789, existem registros que apontam o desejo dos inconfidentes mineiros de transferir a capital para São João Del Rey, em Minas Gerais, alegando vantagens estratégicas, afinal, como já levantado pelo cartógrafo italiano, a transferência da capital para longe dos portos seria benéfica visando a segurança nacional. (Agência Brasília, 2019¹).

A despeito dos registros históricos ainda mais antigos, foi apenas em 1891 que surge o primeiro marco legal da ideia da transferência da capital para o centro-oeste do Brasil, através da primeira Constituição republicana. Logo em seguida, no ano de 1892, o presidente Floriano Peixoto enviou uma comissão de cientistas para explorar o Planalto Central, demarcando a área que seria destinada ao Distrito Federal. Tal expedição ficou conhecida como Missão Cruls, homenageando o astrônomo e geodesta belga que chefiava a comissão, Louis Ferdinand Cruls. A Missão supracitada foi o primeiro estudo que mapeou aspectos relevantes, como o clima, a topografia do local, flora, fauna e o modo de vida daqueles que já habitavam a região. (Portela; Rocha Jr. , 2023)

¹ Informação disponível em: Agência Brasília. Uma cidade sonhada por dois séculos. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/w/uma-cidade-sonhada-por-dois-seculos>. Acesso em: 29/09/2025.

Os historiadores Cristiane Portela e Deusdedith Rocha Jr., na publicação *Como se deve escrever a história de Brasília* (2023), dossiê investigativo do projeto *Outras Brasília*s, destacam que foi em 1955, 63 anos após a Missão Cruls, que o presidente Café Filho autorizou que a construção ocorresse na área demarcada pelos cientistas, sendo nesse mesmo ano que ocorreram as eleições presidenciais, protagonizadas por Juscelino Kubitschek, concorrendo pelo PSD, Juarez Távora da UDN e Adhemar de Barros, pelo PSP. Juscelino, durante seu comício na cidade de Jataí - Goiás, prometeu que iria seguir com a transferência da capital para o centro do país, caso fosse eleito. Durante toda a corrida presidencial, o candidato reafirmou os diversos benefícios que a mudança traria para o país, utilizando-se de seu famoso lema “50 anos em 5”, enfatizando seu caráter desenvolvimentista, assim como criando uma espécie de simbiose entre sua própria figura e a construção da nova cidade.

JK foi eleito o novo presidente da República Federativa do Brasil e, de fato, iniciou a construção da nova capital em setembro de 1956, seguindo o projeto extremamente racional de Lúcio Costa. O projeto previa dois eixos principais, que se cruzam em ângulo reto, formando, segundo o próprio Lúcio Costa, o sinal da cruz. Embora exista uma infinidade de curiosidades técnicas acerca da construção de Brasília, Alves (2005) versa sobre a importância fundamental das pessoas na construção da identidade cultural de uma cidade e, como não podia ser diferente diante da história hegemônica contada com foco apenas nos grandes heróis nacionais, quem realmente construiu a cidade, foi apagado ou reduzido à notas de rodapé nos livros de história.

1.1 “Môço... eu fiz esta cidade!”²

(...) o plano piloto de Costa, ao ocultar as origens históricas e as intenções de Brasília sob um manto mitopoético, dilui as contradições e desigualdades da sociedade brasileira, justamente quando os detalhes da construção, da ocupação e da organização da cidade, são silenciados, pois estes negariam o objetivo da construção da cidade: libertar-se das condições existentes, daquilo que era inadequado e inaceitável no Brasil. (Jacques; Almeida Júnior, 2017, p. 477)

A construção de Brasília representa não apenas uma movimentação estratégica. Afinal, diferente do período colonial, as ameaças via mar na década de 50 já não

² Anúncio sobre a importância dos candangos na revista Esso. Confira mais em: <https://antigo.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/04/brasil-nova-capital-brasil>

representavam uma realidade, embora as ligações terrestres que a capital no interior traria para o comércio fossem um importante objetivo a ser alcançado. Representa, por sua vez, o desejo de criar uma nova cidade, planejada e estruturada, simbolizando o Brasil moderno e utópico que JK desejava retratar.

As desigualdades sociais que permeiam os territórios brasileiros, tal como as diferenças culturais, não possuíam espaço nas linhas retas de Lúcio Costa, sequer nas curvas de Niemeyer, com isso, a propaganda de uma vida melhor na “capital esperança” era uma verdade para poucos.

Imagem 1: Trabalhador em frente ao anúncio da construção de Brasília.



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal. S.D

A nova capital precisava de moradores. A fim de atingir o objetivo primordial para a formação de uma cidade, a Novacap³ iniciou uma lépida campanha sobre as benesses de migrar para a “Capital Esperança”. Com a esperança de melhores condições

³ NOVACAP – Companhia construtora da nova capital, empresa criada em 1956 para executar as obras da construção de Brasília.

de vida, milhares rumaram para Brasília, formando uma vasta população de mais de 140 mil habitantes no ano de 1960. (Jacques; Almeida Júnior, 2017)

O silenciamento dos candangos durante o período da construção não se resume ao apagamento histórico, os mesmos eram invisíveis já na época, o tratamento a eles oferecido beirava a desumanização, sem condições adequadas, como é possível observar na imagem a seguir, onde os trabalhadores perdem até mesmo o direito de chorar pelo colega que faleceu durante o árduo trabalho.

Imagem 2: Imagem sobre a construção de Brasília.



Fonte: Revista Manchete, 1960.

Os primeiros habitantes da nova cidade foram apelidados *candangos*, termo que, embora hoje carregue um viés positivo, originalmente não passava de um apelido zombeteiro. Candango: Hoje, chamar alguém de candango é um ato amoroso. Mas não era assim durante as obras de Brasília. Candango era o peão, o sofredor operário da construção civil. Termo de origem africana, era como os nativos chamavam os portugueses. Ninguém sabe ao certo como esse nome chegou a Brasília. Pouco importa. O certo é que naqueles tempos heroicos ser chamado de candango era pejorativo. Criou-se aí a primeira distinção social na cidade-utopia: de um lado, candangos, os trabalhadores braçais, (que colocavam, literalmente, a mão na massa) e, do outro

lado, os pioneiros, letrados e doutores, muitos faturando alto com a transferência da Capital. Os candangos surpreenderam o mundo: em três anos e alguns meses construíram Brasília. Após a inauguração, sem lugar no Plano Piloto, restou a esses verdadeiros heróis anônimos serem deslocados para as então nascentes cidades-satélites, evidenciando claramente a setorização social e a maior importância dada ao funcionamento administrativo da cidade do que à integração dos operários ao projeto na nova capital. Atualmente o nome candango já não carrega o viés negativo. (Behr, 2014, p. 32)

Nem mesmo o termo *candango* carregava um viés positivo, pelo contrário, era um lembrete da dissociação entre os trabalhadores braçais, e os ricos que vieram habitar Brasília, reafirmando que o Plano Piloto não era local para os pobres. Diante do contexto de invisibilização que permeou a construção de Brasília, os candangos são a figura mais emblemática. Entretanto, a meu ver, existe um grupo ainda mais apagado dos registros históricos: as crianças.

CAPÍTULO 2

AS INFÂNCIAS DURANTE A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA: ENTRE INVISIBILIZAÇÕES E PRODUÇÕES CULTURAIS

As crianças são reconhecidas como atores sociais capazes e competentes (Cohn, 2005). Entretanto, são frequentemente invisibilizadas devido ao paternalismo,

protecionismo e adultocentrismo, ou até mesmo pela falta de interesse, visto que muitos não consideram as crianças como contribuintes relevantes para o âmbito científico (Qvortrup, 2011).

Visto que as crianças criam seus próprios papéis na sociedade, nada mais justo que entendê-las de acordo com suas perspectivas. A professora adjunta do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos, Clarice Cohn (2005) cita que o sentimento da infância é variável de acordo com cada local, ou seja, o contexto sociocultural irá influenciar diretamente em como a infância é vista, em como cada sociedade entende o que é ser criança, tal qual a importância das mesmas dentro do contexto social.

Os Estudos Sociais da Infância (ESI) representam um campo de estudo recente. Müller e Hassen (2009), em um levantamento bibliográfico, versam sobre a necessidade da criação de um campo que unisse os estudos sociológicos e antropológicos sobre a infância para que, assim, elas pudessem ser ouvidas, e não mais silenciadas como eram até a década de 1980. Mais que isso, se fez necessária a criação de tal campo para que a produção cultural das crianças fosse considerada.

As autoras trazem ainda um compilado da forma como as crianças e as infâncias foram estudadas historicamente, explicitando a invisibilidade do papel social das crianças antes da década de 1980 (Muller, Hassen, 2009). Após este período, surgem estudos mais específicos dentro do campo da Sociologia da Infância, que inauguram, a partir da obra dos sociólogos britânicos James e Prout (1990), um novo paradigma para estudar as crianças e a infância.

Ainda segundo James e Prout (1990) a infância é uma variável de análise social e não deve ser separada de outras variáveis como gênero, classe social e etnia, o que impossibilita o estudo da infância sem relacioná-la a tais variáveis. Os mesmos ainda versam sobre a utilidade metodológica da etnografia como forma de estudar a infância. Estudar a infância em um período da construção de uma nova cidade, estruturalmente e culturalmente falando, pela perspectiva dos Estudos Sociais da Infância sem considerar as proposições de James e Prout (1990) seria de fato inviável. Nesse sentido, destaca-se

que a vivência da infância das crianças da época difere de outras formas de vivenciar as infâncias, especialmente ao sugerir recortes de gênero e classe social.

Seguindo com o recorte histórico das formas de estudar a infância, Nunes (2003) discorre que nos primeiros desenhos antropológicos da infância as crianças eram compreendidas como “criança selvagem” enquanto um duplo vir-a-ser, ou seja, vir a ser adulto e vir a ser civilizado. Deste modo ser criança e ser “selvagem” denunciavam uma incompetência homóloga, que deveria ser resolvida, para que como adultos e “civilizados”, essas crianças desafortunadas socialmente, pudessem finalmente alcançar a competência e plenitude de, enfim, ser.

O preconceito, gramaticalmente, é uma opinião anterior ao contato, uma ideia pré-concebida. Já o estereótipo pode ser entendido como a reprodução de papéis sociais que deveriam ser reproduzidos por determinados grupos sociais (Dias, 2006). Às crianças, foi atribuído o estereótipo de incompetentes, incompletas, como proposto antes “vir a ser adultos”.

Nunes (2003), em sua tese, relata uma palestra da antropóloga britânica Joanna Overing, que ocorreu no início dos anos 90 no Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP), na qual a antropóloga refere-se às crianças como um “grupo sem poder”, motivo pelo qual não estavam incluídas nos novos estudos que viriam a ser desenvolvidos na Inglaterra a partir dali. Tal afirmação de que as crianças não têm poder, feita apenas 30 anos atrás, explicita a importância de estudar como as infâncias eram vivenciadas em momentos históricos, a fim de entender que as crianças, além de reproduzir culturas adultas, as reformulam e criam todo o tempo.

A autora cita que as crianças Xavante, seu objeto de estudo, tem um papel fundamental dentro da organização da aldeia, visto que realizam trocas intergeracionais e transmitem as informações recebidas entre os habitantes da aldeia, realizando o papel de mensageiros da comunidade. Além disso, exercem o papel de agentes sociais dotados de poderes, que além de distribuir os saberes adultos, também reformulam e elaboram seus próprios saberes (Nunes, 2003). Tais afirmações embasam o quão importantes as crianças são não só na transmissão de saberes, mas também na formação cultural de uma sociedade. Isto posto, cabe afirmar que as crianças que migraram para Brasília,

cada uma carregando a cultura de seu local de origem na mala, foram fundamentais na formação de uma cidade multicultural, cheia de peculiaridades, como é a capital federal.

Cohn (2005) aponta como conceito de cultura aquilo que representa não apenas as ações sociais, mas aquilo que as conformam, validando-as. Sendo assim, a cultura é vista como um elemento mutável, em constante formação. Para a autora, a sociedade também pode ser definida de acordo com a nova antropologia da criança como em constante produção das relações e interações sociais, não como uma totalidade estática que deverá ser espelhada. Por fim, ainda segundo a autora, às crianças, é atribuído o termo de atores sociais, o que significa que as mesmas possuem total competência de recriar a sociedade, assim como criar seus próprios papéis sociais.

As crianças, muitas vezes invisibilizadas pelas narrativas oficiais, fizeram parte dos grandes momentos históricos. Além de meramente existirem enquanto a história acontecia, elas participaram e vivenciaram esses momentos à seu modo, por meio das brincadeiras, da observação, do convívio e da manutenção cultural de seus povos, constituindo experiências que, embora silenciadas, foram fundamentais para a formação cultural de Brasília.

Imagem 3: Família admirando os prédios do Congresso Nacional.



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal, 1960.

A fotografia acima retrata uma família composta por mãe, pai, três meninos e uma menina, todos posicionados diante dos prédios recém-inaugurados do Congresso Nacional. Analisando suas vestimentas, parece tratar-se de uma família de classe média, possivelmente não vinculada diretamente ao trabalho braçal da construção, mas sim ao grupo de migrantes que ocupavam postos administrativos ou técnicos.

No que diz respeito às crianças, a fotografia evidencia diferentes formas de vivenciar a infância no contexto da fundação da cidade. Os dois meninos e a menina mais velha aparecem atentos e admirados com a grandiosidade da arquitetura, o que sugere não apenas o impacto estético das edificações, mas também o papel das crianças como testemunhas e participantes do processo histórico.

Essa fotografia pode ser interpretada como representação de uma infância marcada pelo pertencimento a um grupo social que pôde vivenciar Brasília desde seu

início em condições privilegiadas, diferentemente dos filhos de candangos, que naquele mesmo momento enfrentavam precariedade habitacional e falta de infraestrutura básica. Assim, a cena ajuda a explicitar como o contexto de classe social definia experiências distintas de infância durante a construção da cidade.

Imagem 4: Crianças em acampamento de candangos durante a construção de Brasília.



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal, 1958.

Contextualizando a diferença das formas de vivenciar a infância, na imagem 4 é possível observar três crianças em frente a um caminhão e a moradias precárias, que aparentam ser improvisadas, em evidente contraste com a família de classe média bem-vestida que observava os prédios do Congresso Nacional. Aqui, os sinais de precariedade são explícitos: roupas simples, pés descalços, restos de madeira e pneus compondo o espaço.

As crianças, entretanto, assumem papéis distintos: o menino à esquerda se apoia sobre os pneus, enquanto o menino ao centro exhibe o que parece ser um instrumento rudimentar, construído com materiais improvisados, como lata e madeira. A menina, por sua vez, segura um bebê de verdade nos braços, o que evidencia a

sobreposição de responsabilidades adultas sobre a infância, assim como evidencia as diferentes maneiras de vivenciar a infância.

Em contraponto à fotografia anterior, que mostrava uma infância marcada pelo pertencimento a um grupo social privilegiado, impactando significativamente na forma de vivenciar a cidade, a imagem 4 explicita as infâncias vividas nos acampamentos provisórios dos candangos. Enquanto algumas crianças experimentam Brasília como promessa de futuro moderno, outras lidavam cotidianamente com condições de pobreza e improvisação.

Essa comparação ilustra, de forma visual, os recortes de classe social que atravessaram a experiência infantil durante a construção da capital: de um lado, a infância protegida, mais próxima da chamada infância universal, que é aquela imagem ideal que se forma a partir do que é vivenciar a infância. A cerca de apenas 12 quilômetros do Congresso Nacional, observa-se a infância precarizada, criativa, mas marcada por silenciamentos, exclusões e ausência de infraestrutura básica.

2.1 Crianças em cena: memórias visuais da infância na nova capital

A análise de fotografias é um recurso essencial para compreender a infância no contexto da construção de Brasília. Visto que não é possível acessar diretamente a experiência daquelas crianças, as imagens aqui cumprem o papel fundamental das fontes históricas, elas funcionam como uma das poucas formas de observar como viviam, brincavam e se relacionavam com o espaço em transformação.

Dentro dos Estudos Sociais da Infância, há uma ênfase na necessidade de escutar as próprias crianças, considerando-as atores sociais e produtoras de cultura. No entanto, quando se trata de um período histórico, não há como recorrer à fala dessas crianças, e as memórias adultas carregam interpretações e silenciamentos que distorcem a experiência infantil. Nesse sentido, as fotografias permitem uma aproximação mais direta, registrando gestos, expressões e situações que revelam como a infância foi vivida naquele contexto.

Entendendo a importância da análise de fotografias, é possível seguir com a leitura e interpretação de um conjunto de imagens que revelam diferentes formas de vivenciar a infância durante a construção de Brasília. Essas fotografias permitem observar contrastes entre infâncias, marcadas por classe social e gênero, além de fornecerem pistas importantes sobre o papel das crianças na formação cultural da nova capital.

Imagem 5: Meninas carregando baldes nas cabeças.



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal, 1958.

A fotografia acima retrata duas meninas no que aparenta ser uma vila operária durante a construção de Brasília, no ano de 1958, dois anos antes da inauguração oficial da nova capital. Ambas equilibram baldes sobre a cabeça, sendo que uma carrega um balde metálico, e a outra, uma lata de óleo da marca Zillo. Infere-se que as meninas estão indo buscar água nos reservatórios. Através da imagem, é possível perceber a rusticidade das construções de madeira ao fundo, assim como a simplicidade das roupas das meninas, revelando um contexto de precariedade das moradias e estilo de vida. Mais

do que um registro documental, a imagem constitui um testemunho silencioso das infâncias invisibilizadas que participaram, de forma indireta, da construção da capital federal. É possível observar que não há uma passividade infantil, mas sim a presença ativa de meninas que assumem papéis e responsabilidades dentro da organização comunitária de uma comunidade migrante, que está em constante transformação e construção.

A agência social se enquadra em um dos termos significativos para o ESI, o agente social faz mais que agir em sociedade, além da ação, o agente social ajuda na reprodução sociocultural da sociedade em questão, o que significa que designar um sujeito como agente social é reconhecer sua importância social (Nascimento, 2015). Já a noção de agência infantil, conforme Corsaro (2005), não se restringe à ideia de escolha autônoma, mas refere-se à capacidade das crianças de participar, reproduzir e transformar as práticas culturais nas quais estão inseridas. Nesse sentido, ao carregar baldes, provavelmente associadas a tarefas de lavagem de roupas ou transporte de água, essas meninas exercem uma forma concreta de participação social. Trata-se de uma agência silenciosa, cotidiana e funcional, que se insere nas relações de trabalho da comunidade. Ainda que marcada pela invisibilidade, a participação dessas meninas expressa pertencimento, colaboração e contribuição real para a vida coletiva.

Como destaca Sarmiento (2007), as infâncias pobres e trabalhadoras são frequentemente invisibilizadas nas narrativas oficiais, reduzidas a uma função produtiva e subtraídas de seu direito à infância plena. Na construção de Brasília, a história consagrou os poderosos como símbolo da epopeia nacional, mas pouco se falou sobre as famílias, mulheres e crianças que sustentaram a vida nos acampamentos, lavaram as roupas dos operários, prepararam alimentos e construíram, silenciosamente, o tecido social da nova capital. A foto, portanto, tensiona a memória histórica e traz à superfície a dimensão política e simbólica da infância que trabalha, participa, e cria.

Essa imagem permite compreender que entender as crianças como “vítimas” das estruturas, é algo que, metaforicamente, pode ser considerado uma violação grave. Afinal, essas meninas devem ser compreendidas como atores sociais que negociam sentidos, cumprem papéis e produzem cultura, mesmo que em contextos de

desigualdade. O olhar firme das meninas, o equilíbrio dos objetos e a postura corporal de quem aprendeu cedo a responder às demandas do cotidiano expressam resistência, pertencimento e força. Elas carregam muito mais que baldes, carregam a materialidade de uma infância responsável pela multiplicidade cultural de uma cidade.

Imagem 6: Meninos em frente à obra.



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal, S.D.

A imagem 6 retrata dois meninos caminhando descalços, acompanhados por um homem adulto, que aparenta ser o pai ou responsável pelas crianças, em um canteiro de obras em frente à Esplanada dos Ministérios. O registro expressa, silenciosamente, a proximidade entre o trabalho e a infância, afinal, a presença das crianças na obra reflete a provável participação das mesmas durante o processo de construção.

A fotografia pode ser compreendida como documento de uma infância situada historicamente, atravessada por desigualdades e pela precariedade das condições de vida dos migrantes que participaram da construção de Brasília. Assim como as meninas da imagem 5, os meninos retratados na foto acima são participantes ativos da vida comunitária, cujas experiências revelam a forma como a infância é socialmente

construída e negociada, reafirmando a necessidade de pluralizar as diversas formas de vivenciar a infância.

A presença dos meninos descalços, caminhando junto a um adulto, indica um tipo de socialização pautada pela aprendizagem do trabalho e da resistência física, valores amplamente disseminados nas famílias operárias. A caminhada lado a lado sugere pertencimento e continuidade entre gerações: as crianças acompanham o ritmo dos adultos, observam, aprendem e participam, não pela via escolar, mas pelo cotidiano do labor.

Cohn (2005) versa sobre a criança atuante, que possui um papel ativo no processo de construção das relações sociais. Aqui cabe citar como Sarmiento (2003) escreve sobre os jogos na guerra, demonstrando a capacidade infantil de recriar cenários dos mais adversos para algo que não pareça tão ruim quanto a realidade. Além dos jogos simbólicos, a criança está atuante, transformando sua sociedade ao transformar seu modo de enxergá-la e, mais ainda, produzindo suas próprias culturas em meio ao cenário adverso. Frente à imagem, questiono se essas crianças que tinham o canteiro de obras como local de aprendizagem e ludicidade, entendiam a magnitude da estrutura que em breve seria a representação da autonomia Federal de um país, ou entendiam aquela rotina como apenas mais uma parte de suas vidas, transformando a obra em uma grande brincadeira.

Como atuantes, as crianças também são produtoras de culturas. Como fica claro diante dos jogos na guerra (Sarmiento, 2003), as crianças formulam um sentido para o mundo, a sociedade e as culturas que a conforma, ao seu redor. Cabe ainda mencionar que Cohn (2005) define uma diferença, não quantitativa mas qualitativa, entre crianças e adultos, o que significa que as crianças não sabem menos, não são menos competentes que os adultos, as crianças sabem outras coisas, são competentes em outros assuntos e movimentos (Cohn, 2005, p.33).

E ao entender que as crianças sabem outras coisas, é imprescindível entender o que é cultura de pares e sua importância para a produção e manutenção cultural de Brasília. Cultura de pares, segundo Corsaro (1992, p. 162) é “um conjunto estável de

atividades ou rotinas, artefatos, valores, e preocupações que as crianças produzem e compartilham nas interações com os pares”.

Para Corsaro (1992) um dos motivos da importância da cultura de pares é a comunicação de forma mais direta entre vivências, visto que muitas vezes, nas trocas intergeracionais, os adultos usam experiências sociais que as crianças podem não compreender totalmente.

A reprodução interpretativa, como dita acima, pode ser entendida como a reprodução de cultura adultas:

A produção da cultura de pares não é uma simples imitação, nem uma apropriação direta do mundo adulto para produzir suas próprias culturas de pares. Essa apropriação é criativa na medida em que amplia ou elabora a cultura de pares (transforma as informações do mundo adulto para atender às preocupações do mundo de pares) e, simultaneamente, contribui para a reprodução da cultura adulta.[...] Eu me refiro a esse processo de apropriação criativa como reprodução interpretativa (Corsaro, 1992, pág. 168).

Como pontuado por Corsaro (1992), a reprodução interpretativa não é apenas uma cópia fiel das culturas adultas, e sim uma “apropriação criativa”, que se encontra as necessidades das culturas de pares, o que significa que a criança está em posição de agência social no momento em que reproduz interpretativamente.

A grande problemática é que, mesmo que a antropologia tenha reformulado suas teses para adequar as crianças como atores sociais e produtores de cultura, a ideia da infância como um “grupo sem poder” e sem sabedoria “relevante” continua no imaginário popular. Segundo Sarmiento (2003), o contexto sociocultural das crianças inclui a falta de autonomia e controle adulto comum à infância. E não é considerada apenas um grupo sem poder, mas também como um grupo que não merece visibilidade.

Tratando sobre visibilidade infantil, Sarmiento (2007) observa que a infância das classes populares é frequentemente marcada por uma tensão entre visibilidade funcional e invisibilidade social. As crianças aparecem quando cumprem papéis úteis, quando auxiliam, acompanham e reproduzem, mas permanecem ausentes das narrativas históricas e políticas. A construção de Brasília é um exemplo emblemático dessa exclusão simbólica: as imagens heróicas dos operários adultos eclipsam as presenças

infantis, que, embora menos documentadas, foram parte integral do processo de ocupação e vida nos acampamentos.

Nesse cenário, assim como na imagem 5, a agência infantil se manifesta de maneira relacional e situada. Os meninos não são agentes porque decidiram atuar nesse contexto, mas porque participam ativamente das práticas sociais que estruturam sua comunidade. Caminhar com o adulto, partilhar o espaço da obra, observar e auxiliar nas tarefas são formas de inserção social que produzem sentido e pertencimento. Essa agência, contudo, está circunscrita por fronteiras de classe e poder: trata-se de uma agência condicionada, exercida dentro de uma estrutura que legitima o trabalho infantil como extensão natural de sua classe social.

Sob a luz das teorias apresentadas, essa imagem expressa uma infância ativa, relacional e produtiva, ainda que subordinada às dinâmicas econômicas e de gênero de seu tempo. Os meninos representados não são meros coadjuvantes do desenvolvimento nacional, mas atores sociais que participaram da construção simbólica e material de Brasília. A fotografia convida, portanto, a repensar a infância não como ausência de poder, mas como presença historicamente situada em redes complexas de trabalho, aprendizagem e pertencimento.

Ao analisar as imagens 5 e 6 comparativamente, percebo que ambas corroboram a ideia de que, durante a construção de Brasília, as crianças eram socializadas de acordo com papéis distintos atribuídos a cada gênero, evidenciando práticas e expectativas diferenciadas para meninos e meninas. Enquanto os meninos eram, em geral, incorporados a atividades de apoio às obras, tal qual o transporte de materiais, pequenos serviços, recados e serviços mais braçais, as meninas eram envolvidas nas tarefas domésticas e de cuidado, como lavar, cozinhar ou cuidar dos irmãos, sem deixar de lado o apoio às obras e aos operários. Essa diferenciação precoce de papéis reforça o aprendizado social de gênero, naturalizando o cuidado como função feminina desde a infância. Assim, as fotografias revelam não apenas a presença de crianças em contextos diferentes de trabalho, mas também a pedagogia social de gênero que atravessa a experiência infantil nas classes trabalhadoras.

Imagem 7: Crianças brincando em espaço público.



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal, S.D.

Antes de adentrar na análise da imagem 7, é necessário entender alguns conceitos dos ESI, sendo um deles a pluralidade da infância, que está intimamente ligada à produção cultural infantil. Em 1944 Florestan Fernandes citou a criança como um ser capaz de produzir cultura pela primeira vez no Brasil. Ao observá-las brincando, o pesquisador afirma que elas não parecem apenas copiar cultura adulta. De acordo com a análise de Flávia Pires:

F. Fernandes anunciou a linguagem que posteriormente trataria as crianças como atores sociais completos, reconhecendo a agência no mundo infantil. Ele chega a utilizar o termo culturas infantis, e afirma que as crianças, quando estão brincando, não estão imitando os adultos, mas estão envolvidas nas elaboradas culturas infantis. (Pires, 2008, p. 136-137)

A produção cultural está intimamente atrelada à pluralidade da infância. Assim como a experiência do que é ser criança será diferente de acordo com cada sociedade, sua produção cultural também será. No caso da pesquisa em questão, a infância das crianças será vivenciada de formas diferentes, de acordo com os recortes de gênero e classe social, assim como sua agência social e produção cultural.

A ideia de que as crianças produzem cultura não está em questão para o campo dos ESI. Entretanto, o que Clarice Cohn (2005) pondera é que afirmar que as crianças, além de criar suas próprias culturas, não recriam cultura adulta seria corroborar para uma separação ainda maior, e talvez irreversível, entre os dois universos - adulto e infantil. Porém, é imprescindível compreender que em seu repertório existe sim a presença de cultura produzida por elas, e para elas.

Sarmiento (2002) alega que a ludicidade possui papel fundamental na produção cultural infantil e, embora a brincadeira não seja exclusividade da infância, nessa categoria geracional o brincar e o “falar sério” não possuem uma separação tão dura quanto em outras categorias geracionais. Devido a essa linha mais tênue, a ludicidade é tão importante na criação da cultura infantil.

Nas culturas infantis, todavia, este processo de imaginação do real é fundacional do modo de inteligibilidade. Esta transposição imaginária de situações, pessoas, objectos ou acontecimentos, esta “ não literalidade” (Goldman e Emminson, 1987), está na base da constituição da especificidade dos mundos da criança, e é um elemento central da capacidade de resistência que as crianças possuem face às situações mais dolorosas ou ignominiosas da existência. A estrela que transporta para o céu uma pessoa querida, a boneca com que se brinca no meio da desolação e do caos provocados pela guerra ou por um cataclismo natural, a narrativa imaginosa com que se explica um insucesso, uma falha ou até uma ofensa, integram este modo narrativo de estruturação não literal das condições de existência. É por isso que é processual, permite continuar o jogo da vida em condições aceitáveis para a criança (Sarmiento, 2002, p. 16).

Sarmiento (2003) traz novamente os “jogos da vida”, porém agora como “jogos na guerra” e exalta a capacidade infantil de criar outros mundos na adversidade, que os transportem para realidades menos adversas. Diz ainda que as culturas da infância são tão antigas quanto a infância em si:

As culturas da infância são tão antigas quanto a infância. Resultam do processo societal de construção da infância, coevo da modernidade. A diferença geracional é, assim, historicamente construída, com efeitos na evolução do estatuto social e das representações sociais sobre as crianças[...] Ao invés, as culturas da infância, sendo socialmente produzidas, constituem-se historicamente e são alteradas pelo processo histórico de recomposição das condições sociais em que vivem as crianças e que regem as possibilidades das interações das crianças, entre si e com os outros membros da sociedade. As culturas da infância transportam as marcas dos tempos, exprimem a sociedade nas suas contradições, nos seus estratos e na sua complexidade. (Sarmiento, 2003, p. 55)

Dessa forma, compreender a ludicidade e a pluralidade da infância é fundamental para interpretar as imagens produzidas durante a construção de Brasília, que revelam as múltiplas maneiras pelas quais as crianças ressignificaram o espaço urbano e exerceram sua agência social. Essa perspectiva teórica permite olhar para as fotografias não apenas como registros visuais, mas como testemunhos de práticas culturais infantis, expressões simbólicas e modos de resistência.

A fotografia 7, apresentada acima, retrata um grupo de crianças nadando em um espelho d'água localizado na Praça dos Cristais, no Setor Militar Urbano. O cenário monumental, planejado como espaço de representação política e símbolo do poder estatal, é aqui ressignificado pelas crianças como espaço de lazer e convivência. O que originalmente fora projetado para compor a estética da arquitetura modernista de Brasília, converte-se em ambiente de brincadeira e sociabilidade infantil.

Esse registro evidencia três aspectos importantes para a análise da infância na construção da cidade. Em primeiro lugar, destaca o acesso das crianças às áreas públicas ainda em consolidação, revelando como esses espaços não eram apropriados apenas pelos adultos ou pelas finalidades oficiais, mas também reinterpretados a partir da vivência cotidiana das crianças. Em segundo lugar, a cena mostra a capacidade infantil de ressignificação do espaço urbano, transformando um local de solenidade política em espaço de ludicidade, de experiência corporal e de encontro entre pares. Por fim, indica uma provável falta de acesso a espaços públicos convencionais para crianças, como parquinhos e espaços de lazer específicos.

A observação dessa imagem, à luz das teorias analisadas acima, permite compreender que as crianças, ao transformarem um espaço institucional em espaço de brincadeira, expressam a essência da produção cultural infantil e da reprodução interpretativa. Ao nadar nos espelhos d'água, elas não apenas ocupam o espaço, mas o reinterpretam, produzindo sentidos próprios para um ambiente originalmente pensado para adultos. Trata-se de uma prática de agência social, na qual o brincar se torna forma de apropriação simbólica e de resistência, confirmando o que os ESI apontam como a competência das crianças em produzir cultura e criar significados para o mundo ao seu redor.

As análises realizadas permitem compreender que, durante a construção de Brasília, a infância esteve presente em múltiplos espaços e práticas sociais, ainda que historicamente silenciada pelas narrativas oficiais. As fotografias evidenciam a forma como meninas e meninos assumiram funções distintas, atravessadas por gênero e classe social. Enquanto as meninas eram incorporadas ao cuidado, às tarefas domésticas e à manutenção da vida comunitária, aos meninos era reservado o trabalho mais próximo ao universo operário, reproduzindo desde cedo a divisão sexual do trabalho.

Essas imagens demonstram que as crianças foram, a seu modo, agentes sociais ativos, capazes de negociar papéis, produzir cultura e ressignificar espaços. Tal constatação dialoga com as noções de reprodução interpretativa, de Corsaro (2005), que entende a infância como um espaço ativo de apropriação e transformação das práticas culturais. Ao transportar água, caminhar ao lado dos adultos no canteiro de obras ou reinventar os espelhos d'água como espaços de lazer, essas crianças expressaram pertencimento e participação social, ainda que em contextos de desigualdade.

Tal conceito é fundamental para entender as crianças como reprodutoras e, quiçá, criadoras culturais, afinal, como já citado acima, cada criança chegou em Brasília carregando a cultura de sua terra originária nas pequenas malas, e a elas deve ser atribuído o mérito da reprodução cultural de suas raízes na nova terra, tal qual a construção cultural complexa que molda Brasília.

A capital esperança constitui-se como um verdadeiro caldeirão cultural, marcada por uma multiplicidade de sotaques, práticas e manifestações. Essa diversidade é resultado direto dos processos de reprodução interpretativa das crianças que chegaram com suas famílias ao longo da construção da capital, trazendo consigo elementos culturais de diferentes regiões do país. Nesse movimento, as crianças não apenas reproduziram tradições, mas também as resignificaram, evidenciando seu papel fundamental na conformação de Brasília como uma cidade plural e multifacetada.

A leitura das fotografias também reforça que as infâncias são múltiplas, cada uma atravessada por recortes de gênero, classe e contexto social. Enquanto algumas crianças puderam vivenciar a cidade nascente em condições de maior proteção, mais próximas da chamada infância universal, outras tiveram sua infância atravessada pelo trabalho precoce e pela precariedade da vida nos acampamentos. Essa pluralidade de experiências permite compreender a infância não apenas como etapa biológica, mas como categoria social e histórica, atravessada pelas mesmas contradições que marcam a sociedade adulta.

Portanto, analisar essas imagens não se trata apenas de recuperar registros visuais de um período, mas de tensionar a memória histórica da fundação de Brasília, inserindo as crianças no centro da análise e reconhecendo sua agência social. Esse exercício de análise visual é fundamental para superar o adultocentrismo e problematizar os silenciamentos que ainda marcam a história oficial da capital federal.

Se as fotografias permitiram vislumbrar fragmentos das infâncias vivenciadas durante a construção, as vozes que ainda ecoam nas lembranças dos que foram crianças naquele tempo nos conduzem ao rico caminho da memória oral. No próximo capítulo, seguiremos na análise das agências e vivências infantis no contexto de construção e inauguração de Brasília, a partir dos depoimentos coletados por meio de entrevistas realizadas com aqueles que vieram morar na cidade quando crianças.

CAPÍTULO 3

INFÂNCIAS NAS ENTREQUADRAS DA MEMÓRIA: VOZES DA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA

As imagens analisadas no capítulo anterior permitiram compreender como as crianças viviam durante o período da construção e inauguração da Capital da Esperança. Porém, há uma efemeridade, uma beleza da vida acontecendo nos detalhes mais sutis, que as fotografias não são capazes de capturar. Já as memórias, ao atravessar os limites temporais, conseguem revelar aquilo que a imagem não mostra. É com base nessas memórias que será possível analisar como as infâncias eram vivenciadas, a partir das vivências de duas crianças em contextos sociais completamente distintos, evidenciando que a ideia de uma infância única é uma grande falácia.

As narrativas coletadas revelam infâncias múltiplas, atravessadas pelos recortes de classe social, gênero e território. De um lado, a chamada infância universal, vivida no Plano Piloto, marcada pelo acesso à escola, clubes e espaços abertos de lazer. Do outro, a infância dos acampamentos e cidades-satélites, em meio à precariedade e à ausência de infraestrutura, mas permeada por laços comunitários, brincadeiras criadas com o que se tinha e resistências cotidianas.

Antes de adentrar nas análises das entrevistas realizadas, é importante ressaltar os percursos metodológicos adotados. As entrevistas foram realizadas partindo de um roteiro semi estruturado, porém, as conversas fluíram naturalmente e, analisando os resultados, foi possível perceber que as falas mais interessantes aconteceram fora do roteiro pré definido. As memórias foram surgindo aos poucos, cada história revelava mais uma série de memórias que resultaram em uma série de falas que permitiram entender que, as inferências iniciais sobre as diferentes infâncias, provaram ser verdadeiras.

Para seguir com as análises de forma mais natural, respeitando a privacidade dos entrevistados, foram utilizados nomes fictícios para abordar as duas pessoas que

deram seus relatos, sendo que o nome atribuído para o menino morador do Plano Piloto será João, enquanto o da menina que vivia em Taguatinga será Lúcia.

A infância no Plano Piloto, vivida por João, um menino de alto poder aquisitivo, é descrita como uma infância simples, embora profundamente marcada pelos privilégios de classe. Os relatos giram em torno das brincadeiras ao ar livre, nas quadras que João afirma ser, na época, um reduto de crianças. O futebol era uma constante na vida dos meninos, assim como bolinha de gude e pipa, aproveitando os bons ventos de Brasília. Ainda que houvesse escassez de espaços destinados especificamente para as crianças, foi possível entender ao longo deste estudo que as crianças são mestres na arte da reprodução interpretativa, conceito de Corsaro (2005) apresentado no capítulo anterior. Sendo assim, a ressignificação de espaços adultos era uma constante na vida dessas crianças.

A cultura, embora escassa, também existia na vida das crianças que viveram o período de construção em Brasília. João relata que sua primeira lembrança de cinema foi uma ida ao finado Cine Cultura, um cinema de rua inaugurado na W3 Sul em 1960, para ver *El Cid*, em torno dos 7 anos. As idas ao Restaurante Roma, primeiro restaurante de Brasília, coincidentemente inaugurado no mesmo mês e ano da chegada da família do entrevistado à Brasília, também eram parte do cotidiano familiar, revelando uma situação não apenas de privilégio, mas também de uma infância protegida e com acesso à movimentos culturais e, até mesmo, experiências gastronômicas.

Os finais de semana eram reservados para o lazer, com o Minas Tênis Clube como cenário principal. Era ali que, enquanto os pais jogavam bola, as crianças se divertiam, brincando em um ambiente também projetado para receber a primeira infância brasiliense. Já a obra não era uma realidade próxima dessas crianças, ele relata apenas que ia com a família e os amigos visitar o Congresso Nacional aos fins de semana, para admirar os monumentos sendo erguidos.

Embora o cinema tenha feito parte da infância das crianças do Plano Piloto, foi ressaltado ao longo da conversa com João que a vida cultural de Brasília só foi ferver

mesmo na década de 80. A meu ver, essa demora na consolidação de uma efervescência cultural em Brasília tenha ocorrido por conta das censuras do período de ditadura militar que eclodiu em 1964, poucos anos após a inauguração da cidade. Ademais, entendo que aquelas pessoas que vieram crianças para a capital aqui cresceram, já produzindo diferentes formas de arte na década de 80. Mas essas inferências podem ser aprofundadas posteriormente, em estudos futuros. Porém aqui cabe ressaltar que os movimentos culturais lembrados pelos entrevistados são relacionados às músicas da época, assim como às festas que aconteciam nas garagens das casas da Asa Sul.

As festinhas eram o momento de diversão dos adultos, mas também das crianças, João guarda com carinho na memória a música francesa *Je t'aime... moi non plus*, música censurada, mas que fazia bastante sucesso nas garagens do Plano Piloto no fim dos anos 60. Ainda sobre a questão da censura, embora tenha permeado a vida das crianças, para João era algo sutil e que, segundo ele, não tinha tanta relevância assim, embora a sentisse na proibição de filmes e músicas. Aquilo era tudo o que conheciam, mostrando assim uma infância marcada não apenas por contextos de migração, mas também por contextos de privação de liberdade cultural.

Seguindo o endosso das festas, João relatou uma lembrança nítida da Festa dos Estados, realizada pela primeira vez em 1962 a fim de celebrar a diversidade cultural da cidade em formação. Embora não fosse uma festa pensada especificamente para a infância, a presença resiliente das crianças pode ser observada, resignificando espaços e fortalecendo as raízes culturais de seus locais de origem.

Imagem 8: Crianças acompanhando os adultos em trajes típicos na Festa dos Estados



Fonte: Site Histórias de Brasília, Brasília em 1963⁴.

A imagem acima mostra duas crianças vestindo trajes típicos, ao lado de duas mulheres adultas também trajando vestes típicas. É possível observar a participação de crianças na Festa dos Estados, que, embora não fosse voltada à infância, não deixa de ser um espaço para a produção cultural infantil. Nesse sentido, Florestan Fernandes (1944) propõe que ao observar as brincadeiras e interações das crianças, é possível compreender que elas não apenas reproduzem comportamentos adultos, mas criam e organizam culturas próprias, dotadas de sentidos e regras específicas. Assim, mesmo em contextos planejados para os adultos, as crianças constroem modos próprios de

⁴ Conteúdo disponível em: <https://historiasdebrasil.com/2019/02/11/a-festa-de-todos-os-estados/>

pertencimento, transformando o espaço festivo em território de experiências simbólicas, corporais e afetivas.

Durante a Festa dos Estados, tão presente nas memórias de João, as crianças acompanhavam suas famílias vestindo trajes típicos, exploravam as barracas, interagiam entre si e reinterpretavam o ambiente da celebração a partir de seus próprios repertórios. Fazendo isso, exerciam a produção cultural, expressa tanto nas brincadeiras e interações quanto na forma de perceber e ocupar os espaços.

Sendo assim, a presença das crianças na Festa dos Estados, no Cine Cultura, no Restaurante Roma e nos diferentes locais que foram descritos durante o momento de conversa, demonstram a capacidade infantil de transformar práticas adultas em experiências infantis significativas, incorporando a dimensão lúdica e afetiva às manifestações culturais da nova capital. Elas não apenas observam, mas participam ativamente da construção simbólica, e quiçá cultural, de Brasília, cidade que se constitui, também, pelas interações e criações dessas pequenas presenças que, ao brincar, rir e circular pelos espaços, deixam marcas invisíveis, porém profundas, na memória cultural do Distrito Federal.

Após analisar a vida cotidiana de uma infância de privilégios, será realizada a análise de um próximo relato, onde é possível observar uma outra Brasília, aquela das ruas de terra, dos brinquedos improvisados e das ausências. Nessa Brasília, a infância, embora marcada pela falta, também se faz potente em sua capacidade de criar mundos.

Em contraponto à infância vivida por João, morador da Asa Sul e de uma família com alto poder aquisitivo, a próxima análise trata da infância vivenciada por Lúcia, uma menina. Sua história é marcada pela escassez material e pela necessidade de ser criativa para manter a ludicidade da infância. Sua presença no território, tão próxima da construção dos monumentos característicos de Brasília, e ao mesmo tempo tão longe dessa realidade, evidencia que os candangos construíram a cidade, mas eles e suas famílias foram excluídos do projeto urbanístico de linhas retas idealizado por Lúcio Costa, reto demais para caber as curvas socioeconômicas que permeiam a vida cotidiana.

Natural do Maranhão, Lúcia chegou à Brasília aos sete anos, acompanhada da mãe e das irmãs mais novas. Foram morar junto ao pai, que havia chegado primeiro, nas habitações de madeira características da Vila Amaury, cidade submersa pelo Lago Paranoá. Filha de um candango, mudou-se para Taguatinga, mais especificamente para uma casa ofertada pelo governo na QNJ, movimento que representou melhores condições habitacionais, embora também representasse o afastamento dos trabalhadores do centro político e cultural da cidade.

As brincadeiras ao ar livre, como amarelinha, pular corda, passa anel e queimada eram as favoritas e mais constantes, afinal, por falta de parquinhos e espaços genuinamente infantis, as brincadeiras ao ar livre ganhavam cada vez mais espaço, transformando as ruas em territórios da infância. Diante da escassez de recursos, Lúcia conta que a criatividade era necessária, as crianças costuravam bonecas de pano e criavam brinquedos com sabugos de milho e palha.

A imagética da construção de brinquedos a partir de materiais disponíveis é uma clara representação prática do que são os “jogos na guerra”, conceito de Sarmiento (2003) que fala sobre como em momentos de adversidade, como conflitos ou, no caso dessas meninas, migração e falta de recursos financeiros, as crianças são capazes de utilizar aquilo que tem acesso para criar uma realidade mais leve e lúdica, transformando a realidade difícil em um cenário infantil, repleto de ludicidades e produções culturais.

A chegada em Brasília representou para essa família uma melhoria significativa, visto que antes moravam em um sítio com acesso limitado à alimentação ou educação. Ao chegar em Brasília, as irmãs foram para a escola, local onde relatam ter uma alimentação balanceada, visto que a situação financeira em casa ainda era precária.

Na escola, não estudavam no mesmo turno. Com a chegada de novos irmãos - já cidadãos brasilienses, nascidos no Hospital de Base - não havia roupas e calçados para todos, sendo necessário aguardar a chegada de alguns irmãos, para que os outros pudessem utilizar as mesmas vestimentas. Um dia típico na vida de Lúcia consistia em

ir à escola pela manhã, onde realizava a principal refeição do dia, à tarde, auxiliava a mãe nos afazeres domésticos e nos cuidados com os irmãos mais novos, e depois os momentos eram reservados para as brincadeiras com as amigas de idades próximas.

As lembranças sobre a rotina doméstica revelam o peso das relações de gênero nas infâncias femininas populares. Desde pequenas, as meninas eram chamadas a cuidar dos irmãos e a auxiliar nas tarefas da casa, enquanto os meninos gozavam de maior liberdade de circulação e lazer. Sarmiento (2007) ressalta que as infâncias são atravessadas por relações de poder e que as práticas de cuidado e trabalho doméstico configuram formas específicas de socialização de gênero, especialmente entre as classes populares. Assim, o que pode parecer apenas uma rotina cotidiana, como ajudar a mãe, cuidar dos irmãos e manter a casa limpa, é, na verdade, um processo educativo informal, no qual as meninas aprendem, pela prática, os lugares que a sociedade lhes reserva.

Diferente da infância vivenciada no Plano Piloto, a infância em Taguatinga Norte não era permeada pela cultura, afinal, o cinema era longe, e ali não passavam linhas de ônibus, restando ainda menos acesso cultural para essas crianças.

Em relação à rotina da construção, Lúcia lembra claramente de seu pai chegando com as roupas sujas de lama e da típica poeira vermelha do solo de Brasília, e ela ajudava a mãe a lavar as roupas com os resquícios da construção. E, embora filha de uma figura diretamente ligada à construção dos edifícios, ela mesma nunca viu a construção ou foi ao Plano Piloto. Suas lembranças de infância são todas em Taguatinga, reafirmando uma distância dialética entre o produtor e o consumo daquilo que produz. Embora não tenha conhecido o centro da capital durante a infância, lembra-se que o governo reunia os trabalhadores uma vez ao ano, no natal, para proporcionar um dia de lazer para as famílias. Nesse dia as crianças ganhavam brinquedos de presente: carrinho para os meninos e bonecas para as meninas.

A escola também é muito presente nas suas memórias. Lúcia afirma que as professoras da época eram severas, lembrando-se de um episódio onde foi proibida de ir ao banheiro e, não aguentando mais segurar, urinou na sala de aula. Essa lembrança evidencia uma época onde os adultos mandavam e as crianças não tinham opção se não

obedecer, afinal, não eram consideradas autônomas ou capazes de tomar decisões, nem mesmo sobre suas necessidades fisiológicas.

A conversa com Lúcia, entrelaçada às memórias de precariedade e resistência, mostra que a infância nas periferias de Brasília foi atravessada por privações, mas também pela capacidade gigantesca da infância de reinventar-se. As meninas da QNJ, assim como tantas outras, foram protagonistas silenciosas de uma história construída à margem, meninas que, entre bonecas de pano e poeira vermelha, teciam o cotidiano e, com ele, a própria história cultural de Brasília.

O paralelo entre as duas infâncias analisadas, uma vivida nas quadras planejadas da Asa Sul e outra nas ruas também em construção de Taguatinga, evidencia que a infância não é uma experiência universal. Pelo contrário, as infâncias (no plural e com “s” maiúsculo) são construções sociais atravessadas por desigualdades, por questões de gênero, classe e pertencimento. Enquanto a infância vivenciada por crianças em situação financeira privilegiada era permeada pelo lazer, cultura e até certa consciência de movimentos políticos, as infâncias daqueles que não possuíam um alto poder aquisitivo eram marcadas pela escassez, pelo trabalho doméstico e pela necessidade de uma criatividade cotidiana.

A territorialidade da infância de Lúcia é atravessada pela exclusão espacial. Enquanto as crianças do Plano Piloto brincavam nas quadras arborizadas e frequentavam clubes, as da QNJ de Taguatinga brincavam nas ruas de terra. Cabe ressaltar que o espaço urbano, conforme cita Sarmiento (2002), não é neutro, pelo contrário, ele materializa desigualdades, determinando quais infâncias são vistas e quais permanecem invisibilizadas.

O contraste entre o Plano e as periferias revela que o espaço urbano também educa, afinal ensina, ainda que de forma silenciosa, quem pertence e quem deve permanecer à margem. O acesso ao cinema e ao Restaurante Roma, por exemplo, representa mais que apenas lazer, representa um acesso desde cedo a movimentos culturais, o que molda sensibilidades, repertórios e modos de estar no mundo. Já nas cidades-satélites, o saber era advindo da experiência e da coletividade, através das

meninas que aprendiam desde cedo a cuidar dos irmãos, a costurar bonecas de pano e a reinventar o brincar com o que se tinha.

Apesar das diferenças de acesso, é possível perceber que ambas representam a infância como categoria social, e as crianças como agentes históricos ativos que, embora submetidas às normas adultocêntricas, encontram espaço para produzirem seus próprios movimentos culturais, introduzindo um pertencimento infantil no novo espaço.

Assim, ao justapor essas duas experiências, emerge uma Brasília de contrastes: de um lado, a infância planejada nos traços de Lúcio Costa; do outro, a infância improvisada nas ruas de terra, mas ambas compondo, com diferentes cores e texturas, o mosaico social que deu vida à capital. No fim, são as crianças, com suas brincadeiras, invenções e memórias, que revelam a cidade em sua forma mais humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mergulhar na análise das imagens e das memórias foi uma grata tentativa de entender aquilo que as quadras planejadas de Brasília não contam, as vozes que deram forma à vida cotidiana da capital que nascia. Este trabalho buscou revelar as infâncias silenciadas pelas narrativas oficiais, mostrando que, muito além dos grandes feitos arquitetônicos e políticos, Brasília foi também construída pelos gestos sutis, pelas brincadeiras e pelas resistências das crianças que ali viviam.

Ao analisar as fotografias do período da construção, foi possível observar que as crianças estavam ali, caminhando pelos canteiros, acompanhando os pais, brincando em meio à poeira dos acampamentos. Mas há algo que a imagem não é capaz de capturar: a agência social das presenças infantis. É nesse ponto que as memórias foram um importante complemento na análise realizada. Contando sobre as experiências, as pessoas se recordaram de momentos importantes de protagonismo infantil, e assim deram ainda mais vida à pesquisa, mostrando que, de acordo com as inferências iniciais, as crianças não foram meros figurantes da história, mas sim agentes que, dentro das possibilidades que tinham, ajudaram a construir a cidade.

O primeiro objetivo específico da pesquisa buscava compreender a participação e a agência social das crianças no processo de construção, e ao decorrer da pesquisa foi possível observar justamente isso, mesmo sem receber um reconhecimento formal, as crianças estavam inseridas na dinâmica social da formação da nova cidade. Carregavam baldes, cuidavam dos irmãos, reinventavam os espaços de convivência e formavam vínculos que perdurou ao longo do tempo. Fazendo isso, praticavam a reprodução interpretativa, conceito de Corsaro, que expõe a capacidade infantil de ressignificar as práticas adultas e transformá-las em experiências próprias.

Ficou clara também a importância das crianças na manutenção cultural de suas comunidades, a pesquisa evidenciou que elas foram peças fundamentais na tessitura cultural do território em formação. Nos relatos, a Festa dos Estados, as brincadeiras coletivas, as garagens transformadas em salões improvisados e os quintais-território

surgem como espaços em que as crianças absorviam, reinventavam e difundiam práticas culturais trazidas de diferentes regiões do país. Mesmo sem espaços pensados para elas, as crianças criavam seus próprios lugares, e foi ao fazer isso, que fundaram uma identidade infantil brasileira.

No início da pesquisa, foi definido mais um objetivo, que buscava mapear diferenças de gênero e classe, e esse objetivo escancarou a desigualdade entre as infâncias. Enquanto João fala sobre cinema, clube e ruas arborizadas, Lúcia lembra de dividir o uniforme entre as irmãs, brincar com bonecas de sabugo e ajudar a lavar as roupas cobertas pela lama vermelha da construção. Não se trata apenas de diferença material, mas simbólica: o acesso ao Cine Cultura ou ao restaurante Roma representa também capital cultural, algo negado às crianças das cidades-satélites, que construíram modos próprios de pertencimento a partir da coletividade e da criatividade cotidiana.

Cabe retomar também as perguntas norteadoras, e nesse aspecto, a resposta se torna evidente: as crianças foram fundamentais para a formação da cidade, não apenas como filhas de candangos ou como parte acessória de um cenário em transformação, mas como produtoras de cultura, figuras ativas capazes de participar da formação e manutenção de espaços, além de serem guardiãs de importantes memórias. Elas criaram sim seus próprios territórios de sociabilidade, fossem eles nas quadras planejadas da Asa Sul, ou nas ruas de terra batida de Taguatinga.

Os relatos estudados mostram que, mesmo em condições desiguais, há algo que atravessa ambas as infâncias: a potência de brincar, de criar e de ressignificar. João e Lúcia não viveram a mesma infância, mas ambos revelam o que Sarmiento nos ensinou: a infância é uma categoria social, histórica e ativa, não um período homogêneo da vida.

Encerrar este trabalho é reconhecer que ele é apenas um pontapé inicial em uma área de pesquisa, até então, esquecida dentre as tesourinhas que conectam os territórios brasileiros e da infância. Há perguntas que ficam abertas, sobre como a privação da liberdade na capital do país afetou a infância dessas crianças, sobre as infâncias ainda mais marginalizadas, como as infâncias das crianças indígenas e moradoras das cidades próximas à Brasília, sobre os silêncios que ainda permeiam a

história oficial da capital. Talvez estas sejam perguntas que só caibam mesmo em pesquisas futuras.

Fica, então, uma certeza: se Brasília é hoje uma cidade cheia de memórias e diversidade cultural, é também porque um dia foi habitada por crianças que correram nas obras, construíram suas brincadeiras em meio à poeira vermelha de Brasília e os ventos incessantes, inventaram mundos com o que tinham. E deixaram, talvez sem saber, marcas profundas na história cultural do Distrito Federal.

REFERÊNCIAS

Alves, Lara Moreira. **A construção de Brasília: uma contradição entre utopia e realidade.** I Encontro de História da Arte, IFCH/UNICAMP, dezembro, 2005.

BEHR, N. Candango In.: **Brasília-Z cidade-palavra.** Brasília: Ed. do autor, 2014.

Callai, Helena Copetti. **O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento.** Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 45, p. 41–60, 2007.

Callai, Helena Copetti. **O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento.** Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 45, p. 41–60, 2007.

Ceballos, Viviane Gomes de. **“E a história se fez cidade...”: a construção histórica e historiográfica de Brasília.** Dissertação (Mestrado) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2005

Cohn, Clarice. **Antropologia da criança.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Corsaro, William A.. **Interpretative reproduction in Children's Peer Cultures.** Social Psychology Quarterly, Us, v. 55, n. 2, p. 160-177, jul. 1992.

Corsaro, William A. **Sociologia da infância.** Porto Alegre: Artmed, 2011.

Dias, Elane T. dal Mas. **Preconceito, estereótipo, estigma: chave da exclusão?** 2006. Disponível em: http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4086/1/FPF_PTPF_01_0730.pdf. Acesso em: 01 out. 2025.

JACQUES, Paola Berenstein; ALMEIDA JÚNIOR, Dilton Lopes de. **A construção de Brasília: alguns silenciamentos e um afogamento.** In: XII EHA – Encontro de História da Arte – UNICAMP, 2017. Atas. UNICAMP, 2017. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2017/Paola%20Berenstein%20Jacques%20e%20Dilton%20Lopes%20de%20Almeida%20Junior.pdf>. Acesso em: 29/09/2025.

James, Allison; PROUT, Alan (orgs.). **Constructing and reconstructing childhood: contemporary issues in the sociological study of childhood.** London: Falmer Press, 1990.

Muller, Fernanda; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. **A infância pesquisada.** *Psicol. USP, São Paulo*, v. 20, n. 3, p. 465-480, Sept. 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642009000300009&lng=en&nrm=iso>. access on 01 October 2025. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642009000300009>.

Nascimento, Maria Leticia Barros Pedroso. **Educação Infantil e Sociologia da infância.: estudo sobre as relações entre as pesquisas em estudos da infância e os contextos nos quais é realizada.** 2015. 160 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Nunes, Ângela. **"Brincando de ser criança" : Contribuições da Etnologia Indígena Brasileira à Antropologia da Infância.** 2003. 341 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Antropologia do Iscte, Lisboa, 2003.

Pires, Flávia. **Pesquisando crianças e infância: abordagens teóricas para o estudo das(e com as) crianças. : Abordagens teóricas para o estudo das(e com as) crianças.** Cadernos de Campo, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 134-150, 2008.

Portela, Cristiane; ROCHA JR., Deusdedith (coord.). Dossiê 2: **Como se "deve" escrever a história de Brasília? Narrativas hegemônicas e suas repercussões na historiografia, divulgação histórica e ensino de História.** Projeto Outras Brasília. Brasília, 2023.

Qvortrup, Jens. **Nove teses sobre a infância como categoria social.** Pro-Posições, Campinas, v. 22, n. 1 (64), p. 199-211, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643506>. Acesso em: 01/10/2025.

Sarmiento, M. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade.** Braga: Instituto de Estudos da Criança, 2002.

Sarmiento, Manuel Jacinto. **Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100, p. 891–908, 2007.

Sarmiento, Manuel Jacinto. **Imaginário e culturas da infância.** Cadernos de educação, Pelotas, vol. 12, n. 21, p. 51-69, 2003.